

# QR

Guia da vida

contemporânea



Um tour pela Londres de Sherlock Holmes **78**

Afonsinho não dribla na área **80**

Alemão comenta a nova gastronomia alemã **81**

## Ciência psicodélica

Após meio século de proibição, o LSD, o DMT e outras drogas voltam às bancadas dos laboratórios e aos divãs dos terapeutas

POR WILLIAN VIEIRA



**Q**UANDO o químico Albert Hoffmann fez o primeiro teste com o ácido lisérgico, que descobrira por acidente em seu laboratório na Suíça em 1943, era o auge da Segunda Guerra Mundial. Os carros estavam proibidos. Então lá foi ele de bicicleta para casa, após ingerir 250 microgramas de LSD, sem saber que, no caminho, seria assombrado por alucinações, seguidas por radiante felicidade e uma explosão de sons e cores, da memória e da imaginação. A surpresa com os efeitos psicodélicos só não foi maior que a imediata esperança de a droga servir um dia à psiquiatria. Até hoje os adeptos celebram o Dia da Bicicleta. Mas seu uso terapêutico, aventado nos anos 1960 por promissoras pesquisas, infelizmente acabara tolhido pela guinada proibicionista. Mas só até poucos anos atrás.

Entre o velho Prozac, símbolo da geração que abraçou drogas legais para aplacar as dores da mente, e o LSD da contracultura ainda há um abismo, mas que começa a se estreitar com o florescimento da ciência psicodélica. É a “primavera” da área, diz a *Scientific American* em artigo que repassa os vários estudos recentes. Em 2012, uma análise de dados colhidos nos anos 1960 indicou que o LSD pode tratar o alcoolismo. Quatro meses atrás, uma pesquisa realizada na Suíça, onde Hoffmann diviso seu potencial médico, mostrou que, associado à psicoterapia, o ácido reduz a ansiedade em pacientes terminais. Resultados semelhantes com MDMA, ayahuasca e psilocibina têm sido cancelados por estudos de ressonância magnética. Depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e adições, antes intratáveis, divisam chances de cura. “É, definitivamente, uma renascença”, diz Rick Doblin, fundador da MAPS, associação criada em 1986 para apoiar tais estudos. “Há hoje mais pesquisa com psicodélicos do que nos últimos 45 anos.”

Claro, ainda há entraves. O governo americano, norte das políticas do tipo no



## QUETAMINA

Anestésico animal, não é mais usado em humanos pelo efeito psicodélico.

Tem potencial de ação sobre depressivos que não respondem a outros remédios, diz uma pesquisa. Há indícios de que desestimule o suicídio.



## PSILOCIBINA

Pesquisa do Imperial College concluiu, por ressonância magnética, que a droga, oriunda de cogumelos, reduz a ação de partes do cérebro ligadas à depressão. Com psicoterapia, traz melhora a quem sequer responde a antidepressivos. Diz outro estudo: com ela, 80% de quem não para de fumar com remédios passaram seis meses livres do cigarro. E não só por questões químicas, diz Albert Garcia-Romeu. “Usada apropriadamente, ela produz motivação para uma mudança de comportamento na vida.”



## MDMA

O princípio ativo do ecstasy é usado para tratar estresse pós-traumático, desenvolvido após casos de estupro e acidentes. Estudo com voluntários associado à psicoterapia, publicado no ano passado, mostrou melhora do trauma. “Prevemos a aprovação do MDMA como medicamento para estresse pós-traumático em 2021”, diz Rick Doblin, do MAPS.



OLIVER HIBERT/GETTY IMAGES

mundo, resiste em retirar tais drogas do chamado "Schedule I", de "alto potencial de abuso e nenhuma aplicação médica aceita". Para ter acesso a elas, é preciso vencer a burocracia da FDA (agência regulatória de remédios), DEA (de combate aos entorpecentes) e comitês de ética.

**Mas já foi pior.** Em 1990, quando o psiquiatra Rick Strassman quis pesquisar o efeito curativo do DMT, defrontou-se com uma situação digna de Kafka. Para testar a droga em humanos, era preciso receber autorização da FDA, que exigia comprovação de sua segurança. Mas, para isso, era preciso testá-la e a DEA pedia justamente o O.K. da FDA antes de liberar a droga para os testes. "Eu chamo o primeiro artigo que publiquei de 'e se eu for atropelado por um ônibus antes de publicar qualquer dado?'" , brinca Strassman. "Temia morrer antes de a pesquisa servir para algo." Isso sem falar do preconceito. "Jovens pesquisadores tinham interesse, mas também medo de se associar a uma área tão contaminada por publicidade negativa no passado."

A questão remonta aos anos 1960 dos hippies e Timothy Leary. Quando

## Entre o Prozac e o LSD há um abismo. Aos poucos ele se estreita

começou seus experimentos com LSD, Leary era um respeitado psicólogo de Harvard testando a droga para reabilitação social e cura de adições. Os resultados eram animadores. Mas ele logo foi alçado a guru. No auge do movimento hippie, a droga que podia abrir as portas da percepção transformou-se no símbolo da contracultura e acabou vitimada cientificamente por isso. Leary foi preso pela onda proibicionista de Richard Nixon, que tornou ilegais todas as drogas psicodélicas em 1970, até para pesquisa. A ONU seguiu o caminho. Foi o fim. "Verdade que perdemos muito em novos tratamentos para os males psiquiátricos mais difíceis", diz o professor de psiquiatria da Universidade da Califórnia, Charles Grob. "Mas talvez nossa cultura não estivesse preparada para lidar com elas da forma prudente de hoje."

Paradoxalmente, os psicodélicos



### SANTO DAIME/DMT

Consensuais entre adeptos de religiões indígenas da América, os efeitos da ayahuasca têm sido demonstrados por estudos clínicos. Testes com imagens de ressonância mostram relação entre percepção visual, introspecção e experiência de vida. Novos experimentos deverão analisar a relação do chá com melhoras na depressão, estresse pós-traumático e uso abusivo de substâncias.



### LSD

O mais controverso dos psicodélicos, por ser associado à contracultura. Segundo análise de pesquisas dos anos 1960, publicada em 2012, uma dose pode ajudar alcoólatras a parar de beber. Estudo de 2014 aponta que, associado à psicoterapia, diminui a ansiedade em pacientes terminais. Com duração prolongada, a droga tem sido mais difícil de "domar", mas segue no foco dos cientistas mundo afora.

podem ser a nova fronteira para males para os quais as farmacêuticas não acham soluções. “O interesse cresce, enquanto as objeções diminuem”, diz Strassman. “O peso das evidências é tal que uma crítica moral seria vista como obscurantista”. Tanto que a virada deu-se a partir de pesquisas na Johns Hopkins, uma das instituições mais respeitadas do mundo. Em 1995, um estudo sobre o uso da psilocibina para tratar ansiedade terminal, publicado por um renomado cientista em

um periódico de peso, deixou frutos e o centro virou referência em psicodélicos e adição. “Conduzir esse trabalho aqui ajuda a credibilidade”, diz Albert Garcia-Romeu, que ali pesquisa sobre tabagismo, com resultados “promissores”. Para ir além, é, porém, preciso realizar testes com humanos, longos e caros.

A esperança está em gente como Amanda Feilding. A aristocrata britânica, fã da “expansão da autoconsciência”, criou uma fundação para financiar

pesquisas com psicodélicos, como o de Mark Bolstridge, do Imperial College de Londres, sobre psilocibina para tratar depressão severa. Há pouco, a equipe recebeu um financiamento público de 500 mil libras, graças aos primeiros resultados bancados por Feilding. Assim, a pesquisa caminha num ciclo virtuoso. “A maré está virando, gradualmente, em favor dos psicodélicos”, diz Bolstridge. “Tenho certeza de que, em breve, os psicodélicos ganharão todo o respeito que merecem.” •

## DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO

A AYHUASCA PODE SER A SAÍDA PARA A DEPRESSÃO E O ALCOOLISMO

**E**nquanto os cientistas estrangeiros lutam para ter acesso às drogas psicodélicas e obter financiamento público para seus estudos, o Brasil desponta com uma vantagem em seu quintal. A ayahuasca, bebida rica em DMT produzida a partir de um cipó e um arbusto encontrados na Amazônia, não é ilegal. Seu uso ritual e religioso por comunidades como o Santo Daime é reconhecido pela Justiça. Por isso, tem se pesquisado com liberdade (e apoio de agências de fomento) a ação da droga no cérebro e suas potencialidades terapêuticas. E elas são promissoras. “Há hoje três portas abertas para tratamento: depressão, estresse pós-traumático e abuso de substâncias”, afirma Draulio de Araujo, do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Um dos principais pesquisadores da área no mundo, Araujo fez vários testes em voluntários. Após beberem o chá, seus cérebros eram escaneados por ressonância magnética. Os dados mostram que as áreas ativadas quando o paciente toma a droga e fica de

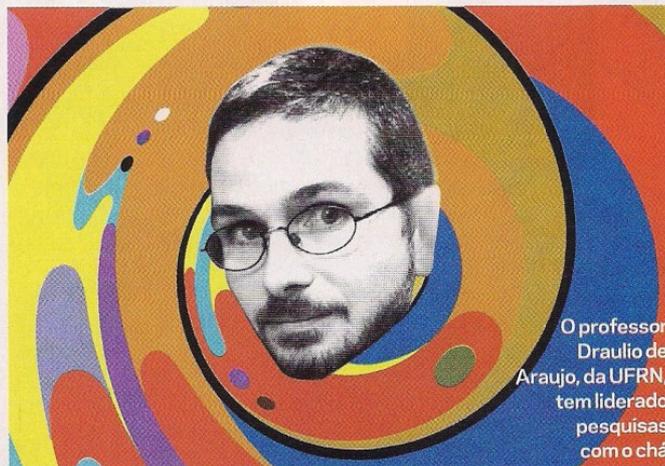
olhos fechados, “vendo” o que imagina a partir de comandos da equipe, são as mesmas de quando está de olhos abertos, enxergando uma imagem real sem tomar nada. E a área em geral ativa quando se descança de olhos fechados, sob efeito da ayahuasca, é desativada. Ou seja, com a droga, a atenção interna aumenta: o indivíduo volta-se para dentro, vive novas experiências. Presume-se assim que quem toma a bebida vivencie como real o que imagina. Além da questão mística, o potencial para tratar doenças psiquiátricas

e vícios, com ou sem terapia, seria imenso.

“O próximo passo é entender como isso se relaciona ao potencial antidepressivo”, explica Araujo. Novos testes clínicos, com mais pacientes e protocolos mais rígidos, estão a caminho. Mas aí está o problema. Se a Anvisa não restringe a pesquisa, tampouco a estimula. Araujo só pode usar o chá integral: os alcaloides separados (como o DMT) são proscritos. Assim, para quantificá-los, é preciso mandar as amostras aos EUA. “O processo é kafkiano.

Sem separar alcaloides, não há pesquisa séria.” Mas o cientista segue otimista em sua busca de apoio aos pacientes que não atendem a tratamentos convencionais. “A ayahuasca é uma das substâncias mais promissoras nos estudos com depressão e abuso, e nós a temos à vontade para pesquisar. É um trunfo.”

Araujo não teme o conhecimento de outras fontes que a máquina de ressonância. Tomou a droga quatro vezes, conversou com adeptos, estudou o culto, respeita-o. “Tentamos estabelecer um diálogo com a tradição capaz de nos ajudar na ciência”, diz. Pois as imagens de cérebros com áreas coloridas representando a ação da ayahuasca que exibe em conferências mundo afora e os relatos místicos encontrados na literatura desde os anos 1950 referem-se ao mesmo processo: a substância aumenta a autoconsciência. Como usar isso em favor de milhões de pessoas é o objetivo maior. “Sabemos disso desde os anos 1950. Tentamos traduzir para os protocolos científicos o que a cultura sabe há milênios.”



O professor Draulio de Araujo, da UFRN, tem liderado pesquisas com o chá